

Fantasia fundamental: infantil de valor universal?¹

Ruben Artur Lemke

Resumo

O presente artigo, partindo da ideia de que a fantasia é fundamental também em sentido ontológico, propõe a pergunta: se a arquitetura do conceito remete ao infantil de cada sujeito, é possível pensar a fantasia como o infantil de valor universal? Serão trabalhados três argumentos. Primeiro, ao estruturar a relação do sujeito com a falta, a fantasia cria um roteiro determinando o modo de o sujeito estar no mundo. Segundo, a fantasia é um recurso ao desamparo diante do enigma do desejo do Outro, uma defesa contra o furo do real e contra os efeitos de divisão da castração simbólica. Terceiro, na fantasia o ser do sujeito é indicado como fenda e tem estrutura de corte, no ponto em que o ser se manifesta como limite do simbólico.

Palavras-chave:

Fantasia fundamental; Ontologia; Infantil; Sujeito.

Fundamental fantasy: children of universal value?

Abstract

This paper, starting from the idea that fantasy is fundamental also in an ontological sense, proposes the question: if the architecture of the concept refers to the infant of each subject, is it possible to think of fantasy as the universal value childish? Three arguments will be worked. First, by structuring the relation of the subject with the lack, the fantasy creates a script determining the way the subject is in the world. Second, fantasy is a recourse to helplessness in the face of the enigma of the desire of the Other, a defense against the hole of the real and against the effects of division of symbolic castration. Third, in the fantasy the being of the subject is indicated as a slit and has a cutting structure, at the point where the being manifests itself as the limit of the symbolic.

Keywords:

Fundamental fantasy; Ontology; Infant; Subject.

¹ Este texto, produto de um cartel sobre a "Fantasia fundamental", é uma versão ampliada do trabalho apresentado no XXIV Encontro Nacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil (EPFCL-Brasil), intitulado "A criança generalizada na clínica e na cidade dos discursos", no subtítulo "A criança, o infantil e a fantasia".

La fantasía fundamental: infantil de valor universal?

Resumen

El presente artículo, partiendo de la idea de que la fantasía es fundamental también en sentido ontológico, propone la pregunta: si la arquitectura del concepto remite al infantil de cada sujeto, ¿es posible pensar la fantasía como el infantil de valor universal? Se trabajarán tres argumentos. Primero, al estructurar la relación del sujeto con la falta, la fantasía crea un guión que determina el modo en que el sujeto está en el mundo. Segundo, la fantasía es un recurso a lo desamparo frente al enigma del deseo del Otro, una defensa contra el agujero de lo real y contra los efectos de división de la castración simbólica. Tercero, en la fantasía el ser del sujeto es indicado como hendidura y tiene estructura de corte, en el punto donde el ser se manifiesta como límite del simbólico.

Palabras clave:

Fantasía fundamental; Ontología; Infantil; Sujeto.

Fantasme : infantile de valeur universelle ?

Résumé

Le présent article, partant de l'idée que la fantaisie est fondamentale aussi dans un sens ontologique, pose la question : si l'architecture du concept renvoie à l'enfant de chaque sujet, est-il possible de penser la fantaisie comme l'enfant de valeur universelle ? Trois arguments seront travaillés. Tout d'abord, en structurant la relation du sujet avec le manque, le fantasme crée un scénario déterminant la manière dont le sujet est dans le monde. Deuxièmement, la fantaisie est un recours à l'impuissance face à l'énigme du désir de l'Autre, une défense contre le trou du réel et contre les effets de division de la castration symbolique. Troisièmement, dans la fantaisie l'être du sujet est indiqué comme fente et possède une structure de coupe, au point où l'être se manifeste comme limite du symbolique.

Mots-clés :

Fantasme fondamentale ; Ontologie ; Infantile ; Sujet.

Introdução

Em “A direção do tratamento e os princípios de seu poder”, Lacan (1958/1998, p. 643) conceitua a fantasia como “imagem utilizada na estrutura significante” e afirma que seu uso fundamental é sustentar o sujeito em seu desejo diante da subtração de seu objeto. De acordo com Biz (2023), o conceito surge nesse texto e tem sua primeira elaboração no seminário *O desejo e sua interpretação*. É retomado no decorrer do seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* e prossegue sua formulação em *A lógica da fantasia*. No seminário *A transferência*, Lacan (1960-1961/2010, p. 136) ainda parece falar da fantasia fundamental como de uma hipótese: “Sabem que ainda posso ir mais longe e dizer *sua* fantasia, se é que existe uma fantasia fundamental.”

Em Freud (1917b/1996), a noção de cena primordial, que ordena a vida de fantasias do sujeito, está associada à noção de construção da análise. Em um período bem inicial de sua obra, no “Rascunho M”, Freud (1897c/1996) já pensava na fantasia como um escudo encobridor de uma cena (*Szene*) original. Nesse momento da obra, o autor considerava essa cena como registro mnêmico de um fato traumático da história do indivíduo, ideia que abandonaria posteriormente, colocando a fantasia em seu lugar proeminente. Mas nesse rascunho já estão contidas as ideias de que existe uma “cena primordial” em relação à qual se erigem como defesa e em profusão as diversas fantasias do sujeito. Essas respostas defensivas se engendram como um precipitado que reúne “fragmento da cena visual” com “fragmento da experiência auditiva” (Freud, 1897c/1996, p. 302), determinados pela tendência defensiva, em uma suspensão das referências cronológicas. No “Rascunho L”, já está contida a ideia de que é possível seguir o caminho da construção das fantasias. No título da seção em que traz essa ideia, Freud (1897b/1996) propõe a pergunta: estariam as edições múltiplas das fantasias vinculadas retrospectivamente à experiência original?

Na “Carta de 21 de setembro de 1897”, Freud (1897a/1996) conta a seu amigo Fliess que estava renunciando à teoria em que considerava um acidente traumático “real” como fator etiológico fundamental das neuroses. O autor percebeu que suas históricas “inventavam” cenas de sedução na infância, mas que essa invenção era uma criação em outra ordem de realidade. A partir disso, entende-se que a “experiência originária” do rascunho L, embora possa ser pensada como uma cena, ou um roteiro, é, antes, a tradução imaginária de uma vivência pulsional que porta algo fundamental da verdade do sujeito, e não necessariamente uma realidade fática. Mais tarde, Freud (1917a/1996, p. 370, grifo do autor) vai dizer: “As fantasias possuem realidade psíquica, em contraste com a realidade *material*, e gradualmente aprendemos a entender que, *no mundo das neuroses, a realidade psíquica é a realidade decisiva.*”

Em “Um caso de paranoia que contraria a teoria psicanalítica da doença”, Freud (1915/1996, p. 276) propõe que, no acervo das fantasias, existe uma que quase sempre surge em uma análise: “a fantasia de observar a relação sexual dos pais”. Designa-a como uma “fantasia primeva” (*Urphantasie*). Na conferência “Os caminhos da formação do sintoma” (Freud, 1917a/1997), ele propõe a existência de mais duas dessas fantasias primitivas, que têm valor especial por sua universalidade. Ao lado da “cena primária” (*Urszene*), que é a cena da relação sexual do casal parental, o autor acrescenta a cena de “sedução por um adulto” e a “ameaça de castração”. Três cenas primordiais, que se referem aos grandes enigmas do surgimento do sujeito: sua origem no desejo de seus pais, a origem da sexualidade e a diferença dos sexos (Jorge, 2010). Freud recorre à filogenia para explicar o valor universal dessas fantasias, afirmando que elas “preenchem os claros da verdade individual com a verdade pré-histórica” (Freud, 1917a/1997, p. 373).

Se a “fantasia fundamental” é uma resposta ao enigma do surgimento do sujeito, em vez de recorrer ao argumento biológico da memória filogenética² podemos, com Lacan, recorrer à ideia de que o sujeito, em sua pré-história de falante (como *infans*), tomou algo da diacronia do discurso de seus pais. É nesse sentido que na fantasia se encontra aquilo que Kaufmann (1996, p. 197) chama de “gramaticalidade anterior ao sujeito”. No tempo lógico anterior ao nascimento do sujeito, esse toma, na linguagem do “Rascunho M”, fragmentos visuais ou auditivos dos discursos que o cercam para construir sua fantasia. No caso clínico do “homem dos lobos”, Freud (1917b/1996) insiste bastante na importância da captura de alguma percepção para a “ativação” da cena primária na construção da fantasia de seu paciente, embora pareça admitir que qualquer material serviria ou seria remodelado segundo as estruturas dessa fantasia originária.

Como afirma Calligaris (1986, pp. 21-22), o que o sujeito toma do Outro para sua construção é um acidente humano de linguagem: “na nebulosa falação que se debulha desde sempre pelo mundo, produz-se ‘do desejo’, independente das intenções particulares, sejam elas inconfessadas, de qualquer indivíduo que seja”. Segundo o autor, “do desejo” se refere a um desejo que se atribui ao Outro da linguagem, como consequência lógica do fato de haver linguagem. A linguagem é tudo de que o *infans*³ dispõe para imputar alguma vontade em relação a ele e aos outros que o precederam, e ele está imerso na linguagem antes de reconhecer esses outros. Para o autor, são matérias-primas importantes, fragmentos do

2 O argumento de uma memória filogenética desse tipo teria o mesmo tipo de dificuldades que a teoria dos arquétipos junguiana. Tanto a recapitulação de Haeckel, que sustentava a ideia de que a ontogenia repetia de modo condensado a história da espécie, quanto a noção lamarquista de que caracteres adquiridos na vida de um indivíduo podem ser repassados a seus descendentes caíram em desuso.

3 Palavra latina para designar crianças que ainda não falam.

discurso que remetem a algum índice do malogro da relação parental, que é um modo de conferir falta ao Outro. A partir dessa falta, produz-se um corpo que é a imagem quimérica do entrelaçamento do casal parental. Mas a imperfeição do casal parental tem como pano de fundo a imagem da perfeição da dupla idílica mãe-filho. A unidade perfeita da relação dual (I) é cotejada com a unidade imperfeita do casal parental (1). É na razão matemática do fracasso da plenitude do gozo parental que se extrai o objeto da fantasia ($I = 1 + a$), objeto no qual o sujeito busca um ponto de ancoragem a seu ser. Em um momento adiantado da análise, a lógica que presidiu essa operação pode ser traduzida em um simples enunciado.

O presente trabalho propõe que o valor universal da fantasia não responde à filogenia, mas está em sua função de resposta à condição ontológica de desamparo do ser falante — lançado ao mundo sem dar conta das razões de seu lançamento, em dependência absoluta do desejo do Outro e habitando um universo de linguagem na presença de seres falantes, sem haver dominado minimamente o campo do sentido. A fantasia como resposta ao desamparo é a entronização de uma cena da infância que ordena o mundo adulto.

Desenvolvimento

Quando a palavra fantasia é utilizada por Lacan no singular, em que podemos chamá-la de fundamental? Costuma-se entender o uso do adjetivo fundamental como redução estrutural, a tentativa de circunscrevê-la em termos mínimos: a relação de dupla entrada entre o sujeito subvertido pela linguagem e a falta estrutural de objeto. A fantasia é formalizada por Lacan com o matema $\$ \diamond a$, que é a fórmula a partir da qual podemos supor uma lógica subjacente a cada sujeito, que funciona como matriz de toda a diversidade de suas fantasias.

Mas o adjetivo fundamental da fantasia também pode ser entendido, em seu sentido ontológico, como a descrição de uma estrutura existencial, a delimitação de um modo fundamental do existir do ser falante, subvertido pela linguagem e marcado pela falta (Lemke, 2024). Desse modo, podemos pensar que a fantasia fundamental, embora tenha uma amarração lógica singular para cada sujeito, comporta uma dimensão que tem estrutura de valor universal. Talvez, e apenas nesse sentido, seja possível pensar em algo do geral no infantil, pois o sujeito tem a idade de sua fantasia. A fantasia é uma espécie de *fuero*, como afirmava Freud (1886/1996) na “Carta 52”, um reduto de sobrevivência do infantil em meio aos sucessivos rearranjos e retranscrições das cadeias significantes que produzem um adulto.⁴

4 Um *fuero*, argumenta Freud, é quando determinado território mantém em seu reduto as leis e os modos de funcionamento antigos, enquanto o território em seu entorno já foi reordenado por uma nova organização governamental mais ampla.

É nesse sentido que, em “A perda da realidade na neurose e na psicose”, Freud (1924/1996) fala da fantasia como um domínio que é separado do mundo externo na época da introdução do princípio de realidade, forjando uma espécie de “reserva” do infantil, que fica livre das exigências da vida. Essa reserva, de acordo com Freud (1911/1996), tem íntima conexão com o brincar na infância. A seguir, serão abordados três argumentos do seminário *O desejo e sua interpretação* (Lacan, 1958-1959/2016) que permitem pensar a fantasia em sua dimensão ontológica, como modo de estruturação da experiência de mundo que se delimita no território da infância: a fantasia como determinante do modo de o sujeito estar no mundo; a fantasia como defesa contra o desamparo; e o fato de que a fantasia, em sua estrutura de corte, revela a localização do sujeito, no ponto no qual o ser se manifesta como limite do simbólico.

Fantasia como quadratura da experiência de mundo

Como consequência da castração simbólica, ao estruturar a relação do sujeito com a falta, a fantasia cria um roteiro, determinando o modo de o sujeito estar no mundo. Ao falar do pequeno *a* da fórmula da fantasia, Lacan (1958-1959/2016, p. 333) diz textualmente que, como suporte imaginário do desejo, “o objeto tem sem dúvida um papel decisivo, ele estrutura fundamentalmente o modo de apreensão do mundo pelo sujeito”. Isso significa que o desejo participa ativamente da construção da realidade de cada sujeito. Lacan (1958-1959/2016, 1966-1967/2024) afirma, tanto no seminário *O desejo e sua interpretação* quanto em *A lógica da fantasia*, em referência a Espinoza, que o desejo é a “própria essência da realidade”. Como suporte do princípio de realidade, a fantasia funciona como uma matriz que filtra do mundo externo apenas o que se articula com seus traços. A fantasia “mediatiza o encontro com o real e constitui a realidade psíquica” (Jorge, 2010, p. 70). Por sua função de obturação defensiva do real, ela produz uma moldura que enquadra a realidade⁵ de cada sujeito.

Para Freud (1925/1996), o aparelho psíquico tem uma membrana protetora, que o deixa fechado para o mundo externo, em contato limitado com o aparelho perceptivo e superexposto às moções de desejo que produzem o bruxuleio da consciência. Não há realismo imediato e nem acesso transparente à realidade desconhecida. Ainda para Freud (1924/1996), os “desejos indestrutíveis da infância” têm papel fundamental na construção da realidade, o que remete a outro vetor ontológico dessa espécie de “*fuero*” ligado aos desejos infantis.

Freud (1908/1996) afirma que a relação da fantasia com o tempo é muito importante, e que o adulto tem vergonha de suas fantasias, não apenas por serem

5 Em *R.S.I.*, Lacan (1974-1975) propõe a realidade como uma articulação do simbólico com o imaginário.

proibidas, mas por serem infantis. O tempo da fantasia é uma espécie de amarração de três modalidades de temporalização. Uma impressão atual funciona como motivadora e desperta um desses desejos infantis indestrutíveis. A partir daí, retrocede à lembrança de uma experiência de satisfação infantil, produzindo uma cena que se dirige ao futuro, impulsionada pelo desejo: “Dessa forma o passado, o presente e o futuro são entrelaçados pelo fio do desejo que os une” (Freud, 1908/1996, p. 138).

Lacan (1958-1959/2016) nos recorda que passado, presente e futuro são categorias gramaticais, portanto consequência da linguagem. O autor afirma que a estrutura do desejo na fantasia funciona como a cenoura do burro, que coloca o sujeito em movimento. Esse está sempre lendo sua hora a partir da relação com seu objeto na fantasia. É com o objeto que o obsessivo sustenta sua procrastinação e antecipa tarde demais, ou que o histérico se precipita em sua repetição cedo demais, em diferentes modos de temporalização do desencontro com o objeto.

Fantasia como recurso ao desamparo

Outra vertente da fantasia que remete ao infantil é sua função defensiva. O desamparo é uma condição ontológica fundamental do *parlêtre*.⁶ Jogado no mundo sem dar conta das razões de seu lançamento, está em dependência absoluta do desejo do Outro, que, por sua opacidade, coloca-se como enigma. Por ser indecifrável, o desejo do Outro produz um efeito de desamparo. A fantasia é uma resposta produzida pelo sujeito, que, desse modo, busca localizar-se como objeto desejado. Por isso a fantasia está do lado esquerdo do grafo do desejo,⁷ em relação de homologia com o “eu”. No grafo 3, Lacan (1960/1998, p. 829) coloca a fórmula da fantasia na aresta situada no ponto terminal de dois vetores. Um chega ao objeto faltante, e outro, ao sujeito barrado, partindo do Outro, passando pelo desejo e pela pergunta “*Che vuoi?*”. A trajetória dos vetores forma um grande ponto de interrogação, indicando que o sujeito busca uma resposta para o que é, naquilo que deseja. A fantasia é um ponto de parada, uma defesa produzida para dar alguma estabilidade ao indeterminado da cadeia significante, mantendo o sujeito como desejante e produzindo uma resposta acerca de seu ser.

Na fantasia, o sujeito superpõe à própria falta constitutiva a falta atribuída ao Outro. Na versão final do grafo, a fantasia está articulada com o significante da falta do Outro e com o sintoma, como mensagem do Outro. A lógica da fantasia fornece um cálculo do que constitui essa falta e determina uma substância capaz

6 Neologismo criado por Lacan, que quer dizer “ser falante”. Em português, a tradução é “falasser”.

7 O grafo do desejo é trabalhado durante os seminários *As formações do inconsciente* e *O desejo e sua interpretação*, e tem sua versão final no texto “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano”.

de tamponá-la. É um modo de responder pelo desejo que o fez existir. Dessa forma, o sujeito pode localizar seu ser de sujeito nessa substância e se ofertar como suplemento ao gozo do Outro, ou, em função da transitividade da fantasia, esperar daí seu complemento. Toda fantasia é fantasia de completude e defesa contra o trauma do furo do real. Ela tem a função de sexualizar a pulsão, circunscrevendo o desejo absoluto em desejo sexual, freando, assim, o real do gozo destrutivo da pulsão de morte (Jorge, 2010).

A fantasia fundamental tem como estrutura básica a cena primária, que sintetiza em si as duas outras fantasias originárias freudianas: a sedução e a castração (Biz, 2023). Isso porque, na imagem do entrelaçamento do corpo parental, o sujeito é convocado de algum modo a participar como complemento, e a fantasia, como resposta à castração simbólica, tem estrutura de corte.

A cena primária obtura o desamparo diante da exclusão, que é um passo lógico necessário para o ingresso do sujeito no simbólico (Biz, 2023). Nesse sentido, a fantasia advém como uma defesa aos efeitos dessa exclusão estruturante e funciona como a construção de uma “reserva natural”, segundo a metáfora utilizada por Freud (1917a/1996): um território no qual tudo prolifera livre do que é sacrificado pelo princípio de realidade. A fantasia é um espaço no qual, de algum modo, o sujeito pode estar incluído, ter participação e manter com seu olhar um horizonte de completude. Nessa construção, o olhar tem lugar proeminente em sua sustentação. A cena primária faz uma espécie de compensação imaginária ao furo no real produzido pela exclusão simbólica. Jorge (2010) usa a expressão “prisão domiciliar” para designar esse lugar de refúgio, que, por outro lado, aprisiona o sujeito em certa fixidez.

Se o real é o impossível da relação sexual, a fantasia fundamental é a fantasia de relação sexual (Jorge, 2010). A fantasia propõe um modo de reconquista da completude perdida. Localizar o ser no objeto da fantasia é um modo de se proteger da falta do significante no Outro e do fato de que não há significante que possa dar conta da designação do ser do sujeito. Nesse sentido, a fantasia também funciona como defesa diante do desaparecimento do ser produzido pela função do significante. Lacan (1958-1959/2016) afirma que não há signo para o sujeito além do signo de sua abolição, e essa é a razão pela qual o sujeito se apega ao objeto da fantasia e desse modo se sustenta em seu desejo evanescente. O “objeto é também o que retém o sujeito diante de sua síncope, a pura e simples anulação de sua existência” (Lacan, 1958-1959/2016, p. 405). A fantasia é um recurso ao desamparo diante da falta de substância do sujeito.

Lacan (1958-1959/2016) aborda a estrutura da fantasia pelo modelo do *Fort-Da*, que se fundamenta na alternância de um par significante em sua relação com um objeto qualquer que possa suportar o jogo de ser abolido e trazido de volta. Esse

jogo é promovido à sua função no desejo quando o sujeito se antecipa e mergulha por inteiro na estrutura transitiva da fantasia, “na qual ele apreende a si mesmo em seu desaparecimento” (Lacan, 1958-1959/2016, p. 445). Esse é o sentido da fantasia descrita por Freud (1919/1996, p. 141) “bate-se em uma criança”. Perceber o rival sendo derrubado de “sua dignidade de sujeito” produz uma abertura em que o sujeito localiza seu próprio ser. É na possibilidade da anulação subjetiva que a criança se apreende como sujeito do desejo: “um ser sujeito a querer” (Freud, 1919/1996, p. 141).

Se, em “A direção do tratamento e os princípios de seu poder”, Lacan (1958/1998) pensou o *Fort-Da* como um “ponto de inseminação de uma ordem simbólica” que preexiste ao sujeito infantil, no seminário *A lógica da fantasia*, ele (Lacan, 1966-1967/2024, p. 21) coloca a ênfase na emergência do sujeito a partir dessa ordem. Afirma que, no *Fort-Da*, diante do jogo da ausência e presença materna, não se trata da entrada do significante em cena. O que não está aí e é engendrado é o sujeito mesmo. O sujeito não está lá como um “*subjectum*”, um suporte para as mudanças acidentais do significante. Ele é criado pelo jogo significante. Na origem, não há *Dasein*. Na “origem”, a única presença que o analista pode encontrar em uma análise é a presença dessa ausência fundamental de objeto, que é o objeto *a*, do qual só há vestígios fragmentários do processo de extração, vestígios que, como artefatos, contam a pré-história do sujeito.

Fantasia e sua estrutura de corte

A fantasia trata do confronto do sujeito com seu próprio desaparecimento. Lacan (1958-1959/2016) utiliza o vocabulário do ser para conceituar a fantasia e delimitar sua função ao longo do seminário *O desejo e sua interpretação*. Afirma que, na fantasia, o ser do sujeito é indicado como corte, no ponto em que o real se manifesta como limite do simbólico. Nesse momento, o autor equivale o ser ao real, e, no final desse seminário, o objeto da fantasia não está mais apenas enraizado no imaginário, mas é um objeto que tem as propriedades formais do corte. O objeto pré-genital, o falo e a voz. Ele é o seio como produto do desmame, o excremento que se separa do corpo e a voz que pode ser interrompida. E todos os objetos de estrutura fálica que se prestam à mutilação, como “índice de uma realização de ser no sujeito” (Lacan, 1958-1959/2016, p. 413).

As diversas modalidades que podem assumir o objeto têm a característica fundamental de poderem ser separadas do corpo e têm papel de suporte do significante, no qual o sujeito se situa estruturado como corte. O corte, ou o intervalo, é “percebido pelo sujeito como a abertura de uma hiância, que, por sua vez, o situa como aberto. Aberto para quê? Para outro desejo que não o seu” (Lacan, 1958-1959/2016, p. 453). A marca fundamental da fórmula da fantasia é a barra sobre o

sujeito, que o denota como marcado pela falta e aberto ao desejo do Outro, sendo suas pulsões fragmentadas e havendo um corte radical entre o sujeito e o objeto de sua pulsão. A barra significa que não se trata de uma simples relação de objeto, mas que na fantasia o sujeito está representado como sujeito do discurso inconsciente pela função do corte.

Em *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*, Lacan (1960/1998) aborda o corte como único lugar para verificar a estrutura do sujeito como descontinuidade no real. Ao falar dos efeitos de *fading* do sujeito freudiano, que fica oculto no jogo significante, o autor afirma: “onde a elisão é tão mais alusiva ao esconder em sua toca a presença, que é espantoso que a caça ao *Dasein* não tenha tirado maior proveito disso” (Lacan, 1960/1998, p. 815). E continua: “Para que não seja vã nossa caçada, a nós, analistas, convém reduzir tudo à função do corte no discurso, sendo o mais forte aquele que serve de barra entre o significante e o significado” (Lacan, 1960/1998, p. 815).

Conclusão

A barra entre o significante e o significado, que representa um corte radical no sentido, é uma das dimensões da afirmação ontológica da não existência da relação sexual (Cassin, 2013). A principal função da fantasia como fantasia de relação é soldar o corte e obturar o furo do real. A fantasia fundamental tem uma dimensão ontológica, pois é uma resposta ao desamparo constitutivo da condição humana que organiza a quadratura do universo de um modo singular para cada sujeito. O espaço da fantasia é a cristalização de uma cena infantil, um refúgio com a dupla função defensiva de servir de proteção contra o horror do real e contra os efeitos de divisão subjetiva da subversão do sujeito pela linguagem.

Se a fantasia é uma resposta singular a uma condição ontológica universal, caberia precisar qual é a particularidade dessa resposta para cada estrutura clínica. Notadamente, as principais diferenças estariam em relação à psicose. Se a fantasia é resultado da castração simbólica, o que corresponderia à sua função quando ocorre uma falha na estruturação da falta? Nesse sentido, Jorge (2010) propõe um emparelhamento estrutural entre fantasia e delírio, em que o segundo vem no lugar da primeira, e Calligaris (1986) propõe a particularidade de um atamento psicótico da fantasia. Mas esse é tema para ser abordado em um próximo estudo.

Referências bibliográficas

- Biz, R. (2023). Conhecer a fantasia (é) fundamental. *Berggasse 19*, 13(1), 89-101. Recuperado em 29 de julho, 2025, de <https://berggasse19.emnuvens.com.br/revista/article/view/94>
- Calligaris, C. (1986). *Hipótese sobre o fantasma na cura psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cassin, B. (2013). O ab-senso de Lacan de A a D. In A. Badiou. *Não há relação sexual: duas lições sobre "O aturdido" de Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Freud, S. (1996). Carta 52. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. I, pp. 281-287). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1886)
- Freud, S. (1996). Carta de 21 de setembro de 1897. In S. Freud. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904)* (pp. 255-257). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1897a)
- Freud, S. (1996). Rascunho L. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. I, pp. 297-300). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1897b)
- Freud, S. (1996). Rascunho M. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. I, pp. 300-303). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1897c)
- Freud, S. (1996). Escritores criativos e devaneio. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. IX, pp. 135-143). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1908)
- Freud, S. (1996). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. XII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1911)
- Freud, S. (1996). Um caso de paranoia que contraria a teoria psicanalítica da doença. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV, pp. 267-279). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1996). Os caminhos da formação do sintoma. Conferências introdutórias sobre psicanálise. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XVI, pp. 361-378). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917a)
- Freud, S. (1996). História de uma neurose infantil. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XVII, pp. 15-129). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917b)
- Freud, S. (1996). Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras*

- psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XXVII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (1996). A perda da realidade na neurose e psicose. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XIX, pp. 203-209). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (1996). Uma nota sobre o 'bloco mágico'. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XIX, pp. 253-259). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925)
- Jorge, M. A. C. (2010). Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: a clínica da fantasia (Vol. 2). Rio de Janeiro: Zahar.
- Kaufmann, P. (1996). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1974-1975). *O seminário, livro 22: R.S.I.* Inédito.
- Lacan, J. (1998). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In J. Lacan. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1958)
- Lacan, J. (1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In J. Lacan. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1960)
- Lacan, J. (2010). *O seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1960-1961)
- Lacan, J. (2016). *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1958-1959)
- Lacan, J. (2024). *O seminário, livro 14: a lógica da fantasia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1966-1967)
- Lemke, RA (2024). *Litorais da falta: marcas do pensamento de Heidegger na teoria do desejo em Lacan*. São Paulo: Dialética.

Recebido: 21/04/2025

Aprovado: 22/07/2025